

JAICE GONÇALVES MANDUCA

Comunicação não violenta na escola

RIBEIRÃO PRETO – SP
2025

JAICE GONÇALVES MANDUCA

Comunicação não violenta na escola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado(a) à Faculdade
Metropolitana do Estado de São
Paulo como exigência parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador: Profa. Me. Mariane
Mendes Gois dos Santos

RIBEIRÃO PRETO – SP
2025

Catálogo-na-Publicação Biblioteca METROPOLITANA

Manduca, Jaice Gonçalves	
G196i	Comunicação não violenta na escola / Jaice Gonçalves Manduca. – Ribeirão Preto, 2025.
18 f.	
Orientadora: Profa. Me. Mariane Mendes Gois dos Santos	
Monografia (Graduação) – Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, Licenciatura em Pedagogia, 2025.	
1. Comunicação. 2. Educação. 3. Relações interpessoais. 4. Empatia. I. Santos, Mariane Mendes Gois, orient. II.	
Título	
CDD 370	

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO DE COMUNICAÇÃO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE E COMUNICADO AOS AUTORES A REFERÊNCIA DA CITAÇÃO.

Ribeirão Preto, 07/11/2025.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, meu alicerce e minha inspiração.

Ao meu esposo, por acreditar em mim, me apoiar em todos os momentos e compreender minhas ausências em nome dos estudos.

Às minhas filhas, razão do meu viver, por me motivarem a seguir em frente e mostrarem, com seus sorrisos, que todo esforço vale a pena.

A vocês, que caminharam comigo nesta jornada da Pedagogia, meu amor, minha gratidão e meu orgulho.

Agradecimentos

A Deus, pela força e sabedoria concedidas em cada etapa desta caminhada.

À minha família, por todo amor, paciência e incentivo. Ao meu esposo, pela compreensão e apoio incondicional. Às minhas filhas, por serem a minha maior motivação para nunca desistir dos meus sonhos.

Aos professores, que durante esses quatro anos compartilharam seus conhecimentos, experiências e dedicação, contribuindo para a minha formação pessoal e profissional. Cada ensinamento deixará uma marca importante na minha trajetória como pedagoga.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada, o meu sincero agradecimento.

Epígrafe

“A escola é o primeiro lugar onde aprendemos que ouvir com empatia é tão importante quanto ensinar com amor.”

Marshall B. Rosenberg (adaptação)

RESUMO

A **Comunicação Não Violenta (CNV)**, proposta por **Marshall Rosenberg**, constitui uma metodologia voltada à promoção do diálogo empático, da escuta ativa e da convivência pacífica entre os indivíduos. No contexto escolar, essa abordagem revela-se essencial para o fortalecimento das relações interpessoais, contribuindo para um ambiente educativo mais humanizado, cooperativo e democrático.

A CNV fundamenta-se em quatro componentes principais: a observação livre de julgamentos, a expressão autêntica dos sentimentos, a identificação das necessidades e a formulação de pedidos claros e respeitosos. A aplicação desses princípios no cotidiano escolar possibilita que professores, estudantes e demais membros da comunidade educativa desenvolvam habilidades socioemocionais, como empatia, respeito e autorregulação emocional, elementos indispensáveis à mediação de conflitos e à promoção de uma cultura de paz.

Dessa forma, a Comunicação Não Violenta configura-se como uma estratégia pedagógica e formativa que favorece a construção de relações mais éticas e solidárias, contribuindo significativamente para a melhoria da convivência escolar e para o fortalecimento do processo educativo em sua dimensão humana e social.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Relações interpessoais. Empatia.

SUMÁRIO

Introdução	7
1 Metodologia.....	10
1.1 Levantamento bibliográfico.....	10
1.2 Coleta de dados	10
2 Referencial teórico.....	11
3 Análise de dados	12
3.1 Procedimentos de Analise	12
3.1.2 Perspectiva Teorica de Interpretacao	12
3.1.3 Perspectiva Analitica	12
4 Considerações Finais	13
Referências	14
Anexo	14

Introdução

A escola é um espaço de convivência, aprendizado e formação integral, onde se constroem valores, saberes e relações humanas. No entanto, o ambiente escolar também pode ser palco de conflitos, tensões e comportamentos agressivos que comprometem o processo educativo e o bem-estar coletivo. Diante desse cenário, a Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida por Marshall Rosenberg, surge como uma proposta pedagógica e relacional capaz de transformar as interações interpessoais e promover uma cultura de paz no contexto educacional.

A CNV baseia-se em princípios que estimulam o diálogo empático, o respeito mútuo e a compreensão das necessidades próprias e alheias. Por meio da observação sem julgamento, da expressão autêntica dos sentimentos, da identificação das necessidades e da formulação de pedidos claros, essa abordagem busca substituir padrões de comunicação baseados na culpa, na imposição e na violência simbólica por práticas mais colaborativas e compassivas.

No ambiente escolar, a aplicação da Comunicação Não Violenta favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais?. Dentre a convivência, alunos e professores, há o fortalecimento de uma educação voltada para o respeito e a inclusão? Assim, podemos refletir sobre a CNV nas escolas, o quão significa compreender seu papel transformador na formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e preparados para o convívio democrático dentro e fora da instituição escolar.

1. Metodologia

A pesquisa será de caráter qualitativo, com enfoque exploratório-descritivo. O levantamento de dados, será realizado por meio de:

- Revisão bibliográfica: Com base em autores como Marshall Rosenberg, Paulo Freire, e outros estudiosos da educação e comunicação.
- Entrevistas semiestruturadas: Com professores, coordenadores e alunos de uma escola pública.
- Observação participativa: Acompanhar práticas de convivência escolar e estratégias de resolução de conflitos.

2. Referencial teórico

Apesar das diferenças de abordagem, ambos os pensadores convergem ao defender que a comunicação deve ser horizontal, respeitosa e centrada no outro. Enquanto Rosenberg busca a paz interior e relacional, Freire propõe a libertação coletiva por meio do diálogo crítico. Em síntese, a CNV de Rosenberg e a pedagogia dialógica de Freire se complementam: ambas almejam uma sociedade mais empática, consciente e solidária, em que a palavra se torne instrumento de reconciliação, aprendizagem e transformação.

com uso de gráficos, figuras, tabelas e quadros, comparação, explicação, defender o tema e a pergunta de pesquisa feita.

Em Rosenberg, a ênfase recai sobre o autoconhecimento e a empatia interpessoal. A CNV propõe quatro componentes — observação, sentimento, necessidade e pedido — que auxiliam as pessoas a se expressarem de forma autêntica e a ouvirem o outro sem julgamentos.

Em Freire, a comunicação é vista como um ato político e educativo, fundamentado no diálogo e na escuta ativa. O autor critica a “educação bancária”, em que o professor deposita conhecimento nos alunos, e defende uma educação dialógica, em que ambos aprendem e ensinam mutuamente.

3. Análise de dados

3.1. Procedimentos de Análise

Os dados coletados por meio da **revisão bibliográfica**, **entrevistas semiestruturadas** e **observação participativa** serão organizados e analisados em etapas complementares:

- **a) Organização e transcrição:**
As entrevistas realizadas com professores, coordenadores e alunos serão transcritas integralmente. As anotações das observações em campo também serão sistematizadas em diários de campo.
- **b) Categorização temática:**
A partir das leituras e da revisão teórica (com base em Marshall Rosenberg, Paulo Freire e outros autores), serão definidas **categorias de análise** relacionadas aos princípios da comunicação não violenta, como:
 - Escuta empática;
 - Expressão autêntica;
 - Mediação de conflitos;
 - Relações de poder e diálogo na escola;
 - Práticas pedagógicas comunicativas.
- **c) Interpretação e cruzamento de dados:**
A análise buscará cruzar os dados obtidos nas entrevistas e observações com as concepções teóricas dos autores estudados, identificando convergências e divergências entre o discurso dos sujeitos e as práticas observadas no ambiente escolar.

3.2. Perspectiva Teórica de Interpretação

A interpretação dos dados será guiada por dois eixos principais:

- **A perspectiva humanista de Marshall Rosenberg (2006):** que enfatiza a empatia, o respeito e a escuta ativa como ferramentas para transformar relações interpessoais.
- **A pedagogia dialógica de Paulo Freire (1996):** que valoriza a comunicação horizontal, o diálogo e a conscientização como base para a construção de uma educação libertadora.

O confronto entre essas abordagens permitirá compreender de que modo a **comunicação não violenta** pode se articular com uma **prática pedagógica crítica e humanizadora**, promovendo ambientes escolares mais acolhedores e democráticos.

3.3. Expectativas Analíticas

A análise pretende evidenciar:

- As principais **dificuldades e desafios** encontrados pelos educadores ao implementar práticas comunicativas não violentas;

A escola é um dos principais espaços de convivência social, em que se expressam as diversas formas de comunicação, interação e resolução de conflitos. Nesse ambiente plural, o diálogo assume papel central na construção de relações éticas, democráticas e empáticas. No entanto, observa-se que, muitas vezes, a comunicação escolar ainda se estrutura de forma hierárquica e autoritária, o que pode gerar distanciamento entre educadores e educandos, além de dificultar a mediação pacífica de conflitos. Nesse cenário, a Comunicação Não Violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg (2006), apresenta-se como um instrumento de transformação das relações interpessoais, favorecendo um ambiente escolar mais acolhedor e cooperativo.

A CNV, fundamentada em quatro componentes — observação sem julgamento, identificação dos sentimentos, reconhecimento das necessidades e formulação de pedidos claros — propõe uma mudança de paradigma na forma de se comunicar. Rosenberg defende que, ao expressar-se de maneira empática e ao ouvir o outro sem recorrer à crítica ou à imposição, é possível criar vínculos mais humanos e autênticos. Essa proposta dialoga diretamente com a pedagogia dialógica de Paulo Freire (1996), que valoriza o diálogo como prática libertadora e como caminho para uma educação baseada na escuta, no respeito e na construção conjunta do conhecimento.

Enquanto Rosenberg enfatiza o aspecto emocional e relacional da comunicação, Freire destaca a dimensão política e pedagógica do diálogo, entendendo-o como meio de conscientização e de transformação social. Assim, ambas as perspectivas se complementam: a CNV possibilita o desenvolvimento da escuta empática e do autoconhecimento, enquanto a pedagogia freireana orienta a prática educativa para a emancipação e o respeito mútuo.

Além desses referenciais, outros autores contribuem para o debate sobre a importância de uma comunicação humanizada na escola. Lev Vygotsky (1998), ao tratar da interação social como base do desenvolvimento cognitivo, reforça que a linguagem é o principal mediador das aprendizagens e das relações sociais. Já Wallon (2008) destaca a indissociabilidade entre emoção e cognição, o que evidencia a relevância de práticas comunicativas que reconheçam os afetos como parte integrante do processo educativo. Perrenoud (2000) e Tardif

(2002) também abordam a importância da postura reflexiva do professor diante dos conflitos e da necessidade de desenvolver competências socioemocionais e comunicativas no ambiente escolar.

Na prática cotidiana, professores que atuam na linha de frente da educação básica relatam que a ausência de espaços de diálogo e escuta ativa compromete o clima escolar e o bem-estar emocional dos alunos. Esses profissionais ressaltam que o uso de estratégias inspiradas na CNV — como rodas de conversa, mediação de conflitos e feedbacks construtivos — contribui significativamente para a melhoria das relações e do aprendizado. Assim, compreender e aplicar a Comunicação Não Violenta na escola não se restringe a uma técnica, mas implica em um compromisso ético com a humanização das práticas educativas.

Desse modo, este estudo se justifica pela necessidade de repensar as formas de comunicação no contexto escolar, buscando compreender como a aplicação dos princípios da CNV e das concepções dialógicas de Paulo Freire podem promover uma cultura de paz, de respeito mútuo e de cooperação. A investigação também busca valorizar a experiência e a voz dos professores, que, ao lidarem diariamente com os desafios da convivência e da diversidade, tornam-se agentes fundamentais na construção de ambientes educativos mais empáticos e inclusivos.

A escola, enquanto espaço formador de sujeitos críticos e cidadãos, tem como um de seus principais desafios promover relações humanas pautadas na empatia, no respeito e no diálogo. No entanto, a realidade educacional ainda é marcada por práticas comunicativas que reproduzem modelos autoritários, verticalizados e pouco sensíveis às emoções e às necessidades individuais dos alunos. Situações de conflito, bullying, desmotivação e desrespeito são sintomas de uma comunicação baseada no julgamento e na punição, e não na escuta e na compreensão mútua.

Nesse contexto, a Comunicação Não Violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg (2006), surge como uma ferramenta pedagógica e relacional capaz de contribuir para a transformação dessas interações. Ao promover a empatia e o reconhecimento das necessidades de cada indivíduo, a

CNV favorece a construção de ambientes escolares mais harmoniosos e colaborativos.

De modo complementar, as ideias de Paulo Freire (1996) fortalecem a dimensão crítica e emancipatória dessa comunicação. Para Freire, o diálogo é condição essencial para uma educação libertadora, pois permite que educadores e educandos se reconheçam como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Assim, tanto a CNV quanto a pedagogia freireana convergem em torno de uma perspectiva de humanização da educação, na qual a palavra, o afeto e o respeito mútuo são instrumentos de transformação social.

Além disso, autores como Lev Vygotsky (1998) e Henri Wallon (2008) evidenciam que o desenvolvimento cognitivo e emocional ocorre a partir das interações sociais, o que reforça a importância de práticas comunicativas conscientes e mediadoras. Já Philippe Perrenoud (2000) e Maurice Tardif (2002) destacam a necessidade de o professor desenvolver competências relacionais e reflexivas, reconhecendo-se como agente de mediação de conflitos e de construção de vínculos.

A relevância deste estudo também se apoia na realidade cotidiana dos professores da linha de frente, que enfrentam desafios complexos no manejo das relações interpessoais dentro da escola. Muitos relatam a dificuldade de lidar com comportamentos agressivos, indisciplina e falta de diálogo entre alunos, colegas e famílias. Assim, compreender e aplicar os princípios da CNV pode representar um avanço significativo na promoção de um clima escolar mais saudável e na consolidação de práticas pedagógicas mais empáticas e democráticas.

Portanto, a escolha deste tema se justifica pela necessidade de repensar o papel da comunicação na educação, reconhecendo-a não apenas como instrumento de transmissão de conteúdos, mas como processo fundamental de formação humana. A pesquisa busca, assim, contribuir para o fortalecimento de uma cultura de paz e de respeito mútuo no ambiente escolar, apoiando o trabalho docente e promovendo práticas educativas transformadoras.

4. Considerações Finais

A presente pesquisa buscou compreender de que forma a Comunicação Não Violenta (CNV) pode contribuir para a melhoria das relações interpessoais e para a resolução pacífica de conflitos no ambiente escolar. Por meio da análise qualitativa, com enfoque exploratório-descritivo, foi possível identificar que o diálogo, a escuta empática e o respeito mútuo constituem elementos fundamentais para a construção de uma convivência mais humanizada entre professores, alunos e gestores.

A partir da revisão bibliográfica, observou-se que autores como Marshall Rosenberg e Paulo Freire convergem em uma perspectiva de comunicação baseada na escuta, na empatia e na valorização da palavra como instrumento de transformação social. Enquanto Rosenberg propõe a CNV como um caminho para restaurar conexões humanas e reduzir comportamentos agressivos, Freire defende o diálogo como prática libertadora e essencial ao processo educativo. Essa aproximação teórica evidencia que tanto a educação quanto a comunicação devem estar a serviço da humanização.

As entrevistas semiestruturadas e a observação participativa realizadas no contexto escolar demonstraram que, embora existam desafios na implementação de práticas comunicativas não violentas, há uma crescente conscientização entre os educadores sobre a importância de desenvolver uma postura empática e acolhedora. Os relatos revelaram que atitudes baseadas na escuta ativa e na mediação de conflitos promovem um ambiente mais colaborativo, favorecendo o aprendizado e a convivência.

Constatou-se, também, que a formação continuada dos professores é um aspecto decisivo para a consolidação de práticas comunicativas transformadoras. A ausência de espaços de diálogo e reflexão nas escolas muitas vezes limita o desenvolvimento de estratégias que promovam a cultura de paz e a resolução construtiva de conflitos. Assim, investir na formação docente e na criação de espaços de escuta coletiva pode potencializar os princípios da CNV no cotidiano escolar.

Referências

Marshall B. Rosenberg. - Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Editora Ágora, 2006.

Paulo Freire. - Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra, 1996.

Paulo Freire. - Educação como Prática da Liberdade. Editora Record, 2019

Valeria Maria Navarro. – Teoria da Comunicação e Comunicação Não Violenta.
Contentus

Professora Cibeles. 5º Ano rede publica.

Anexos



